

LISBOA, TOPONÍMIA NO FEMININO IX

*Maria do Céu Borrêcho
Virgínia Dias*

Retomamos neste número, o nosso percurso pelas ruas de Lisboa em busca de topónimos femininos.

FREGUESIA DE CAMPO GRANDE

Rua Violante do Céu (Edital de 19.07.1948) – Violante Montesino, freira dominicana, professou aos vinte e oito anos no Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa, em Lisboa, adoptando o nome de Sórora Violante do Céu. Poetou tanto em português como em espanhol, cultivando ao gosto do seu tempo uma poesia de jogos conceptistas, versando os temas do amor, do temor de Deus e da Eternidade, num estilo muito intelectualizado. Também tocava harpa com rara distinção.

Das suas obras se destacam: *Rimas*, Ruão, 1646 e *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, Lisboa, 1633, bem como comédias em castelhano. Foi uma poetisa da *Fénix Renascida*. Faleceu em 1692.

Rua Antónia Pusich (Edital de 19.07.1948) – Antónia Pusich nasceu em São Nicolau, Cabo Verde, em 1805, filha do almirante António Pusich, de origem italiana. As lutas entre miguelistas e liberais viveu-as junto com seu pai na sua terra natal, tendo inúmeras vezes posto a sua vida em risco.

Pusich distinguiu-se por ter sido, em Portugal, a primeira mulher a subsistir da literatura e do jornalismo. Foi como escritora que educou e sustentou as filhas dos seus três casamentos: o primeiro com o desembargador João Cardoso de Almeida Amado Coelho, o segundo, com o oficial do exército Francisco Henriques Teixeira, e, depois, com o oficial António Melo. Colaboradora de diversos jornais e revistas, foi fundadora

e redactora dos periódicos *Assembleia Literária* e *Beneficência e Cruzada*. Frequentou os salões literários do seu tempo, convivendo com Almeida Garrett, António Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Fontes Pereira de Melo, entre outros. Oradora política, distinguiu-se também como pianista e compositora de trechos musicais para orquestra, executados publicamente, em 1847-48.

Morreu pobre, em Lisboa, numa casa da rua de S. Bento, em 1883, onde o Município mandou colocar uma lápide, em 1950.

Rua Rosália de Castro (Edital de 19.07.1948) – Rosália de Castro Murguía nasceu a 24 de Fevereiro de 1837, em Santiago de Compostela, Espanha, sendo baptizada nesse mesmo dia na Capela do Hospital Real, dessa cidade, e registada como “filha de pais incógnitos”, que foram Maria Teresa de la Cruz de Castro y Abadía – filha de José de Castro Salgado –, e de José Martínez Viojo, que, na altura, cursava estudos eclesiásticos, e, mais tarde, foi capelão de Iria. A família paterna criou-a em Ortoño, no vale de Amahía, ao cuidado de uma tia – Teresa Martínez Viojo – até ser reconhecida por sua mãe.

Em 1850, instalou-se com a mãe em Santiago de Compostela, após ter vivido com a família materna em Padrón. O Inverno de 1853 foi rigorosíssimo, trazendo fome e doença às populações da Galiza, conforme testemunhou a própria Rosália, altura em que perdeu uma grande amiga, Eduarda Pondal, vítima de tifo.

Frequentou o Liceo de la Juventud de Santiago onde conheceu Pondal, irmão de Eduarda, Aurelio Aguirre, Manuel Murguía, Juan Manuel Paz, Luis Rodríguez Seoane, entre outros, todos jovens escritores que muito fizeram para animar a vida cultural galega.

Em Abril de 1856, mudou-se para Madrid e, no ano seguinte, publicou o seu primeiro livro de poemas, em língua castelhana: *La Flor*. Essa obra mereceu um comentário entusiástico de Murguía, na revista *La Ibéria*. Com ele casou, a 10 de Outubro de 1858, pelo que por motivos profissionais desse importante historiador da Galiza, que foi director do Arquivo de Simancas, viajará pela Extremadura, Andaluzia, La Mancha, Levante e La Coruña. Desse casamento nasceram sete filhos.

Publicou em castelhano – *La Hija del Mar* (novela, 1859), *A mi madre* (Poemas, 1863, em homenagem à mãe que falecera no ano anterior), *Ruínas* (Novela, 1866), *El Caballero de las botas azules* (Novela, 1867). Em galego, escreveu os poemas *Adiós, rios* (1861), *Cantares gallegos* (1863) e *Follas Novas* (1880). Os seus poemas têm o mar como motivo constante de inspiração. No seu conjunto a sua obra é dedicada ao povo galego e à Galiza, abordando especialmente as tristezas e as tragédias do seu povo, os pro-

blemas da emigração e a miséria, numa época de mudanças políticas e de desejos de autonomia galega.

Morreu em La Matanza, Iria, em 15 de Julho de 1885. Em 1923, em Portugal, o bissemanário *A Aurora de Lima*, dedicou-lhe um número. Em 1954, foi inaugurado um monumento em sua homenagem, do escultor Barata Foyo, na Praça da Galiza, no Porto.

Rua Helena Félix (Edital de 18.05.1992) – Maria Helena de Carvalho Félix nasceu no Porto, em 10 de Abril de 1920. Abandona o liceu, para frequentar o Conservatório de Música, da sua cidade natal, onde frequenta durante dois anos as aulas de Canto.

Já em Lisboa, estreia-se como “discípula” na revista *O Jogo da Laranja-jinha*, no Teatro da Trindade, em 1941. Nos anos seguintes, participará em operetas e revistas, como *A Cova da Moura* (1943), *Alto Lá Com o Charuto* (1945) e *O Tico-Tico* (1948).

Parte depois para Paris, onde procura actualizar-se. Volta para Portugal e ingressa no D. Maria II, em 1949, optando pelo “Teatro a sério”. Na Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, estreia-se no Teatro da Trindade, então o D. Maria está em obras, na peça *Miss Mabel* de R. C. Sheriff. O êxito consagra-a em *O Ninho de Águias*, peça dirigida por Palmira Bastos, em 1950. Seguem-se-lhe *A Senhora das Brancas Mãos* (1950), *As Árvores Morrem de Pé* (1951), *Crime e Castigo* (1951), *A Voz da Cidade* (1952), *As Bruxas de Salém* (1957), *A Menina Júlia* (1960).

Abandona o Nacional em 1961 e parte para Londres, onde estuda durante três anos. Regressa em 1964 e funda, com Luzia Maria Martins, o “Teatro Estúdio de Lisboa”, no Teatro Vasco Santana, na Feira Popular, que se estreia com a peça *Joana de Lorena*. Depois serão representadas *O Pomar das Cerejeiras* (1965), *Mesas Separadas* (1965), *Exercício para Cinco Dedos* (1966), *Bocage – Alma sem Mundo* (1968), *A Louca de Chaillot* de Jean Girardoux, com a qual recebe o Prémio Lucília Simões para melhor interpretação feminina de 1968.

Dois anos mais tarde, recebe de novo este prémio com *Quem é esta mulher?* de Marguerite Duras. Prossegue o seu trabalho com *Os amigos* (1973), *Jardim de Outono* (1985) até ao seu último espectáculo *Habeas Corpus* de Alan Bennet (1989). Estreou-se no cinema, em 1947, com *Aqui Portugal*, participou ainda em *Os Touros de Mary Foster* (1972), *O Mal Amado* (1972) e *A Noite e a Madrugada* (1983). Faleceu em Lisboa a 17 de Março de 1991.

Rua Bernarda Ferreira de Lacerda (Edital de 19.07.1948) – Bernarda Ferreira de Lacerda nasceu no Porto, em 1595, filha do Doutor Inácio Ferreira Leitão. Os seus pais preocuparam-se com a sua educação, rece-

bendo, por isso, o que melhor podia aprender no seu tempo: estudou latim, castelhano e italiano, que lia e escrevia com correcção, conhecia ainda o hebraico e o grego. Além disso, possuía bons fundamentos de filosofia, história, matemática, gramática e retórica, praticava também o desenho e a caligrafia. Estudou música e tocava diversos instrumentos. Filipe III, em 1621, convidou-a para preceptora dos infantes D. Carlos e D. Fernando, encargo que recusou.

Mais tarde, casou com o fidalgo Fernão Correia de Sousa. Viúva muito nova, educou sete filhos, dos quais dois morreram nas Guerras da Restauração. Escreveu a epopeia, em castelhano *Espanha Libertada*, recordando a Reconquista cristã, é uma obra de inspiração autonomista, na linha das epopeias camonistas do século XVII, inserindo-se numa estética claramente cultista. A primeira parte foi publicada em 1618, a segunda postumamente em 1673. Mais importante, foi uma obra lírica, impressa em 1634, *Soledades do Buçaco*, que inclui poemas em castelhano, italiano, latim e português. Faleceu em Lisboa em 1644.

Rua Branca de Gonta Colaço (Edital de 19.07.1948) – Branca Eva de Gonta Syder Ribeiro Colaço nasceu em Lisboa a 8 de Julho 1880, filha do escritor e político português Tomás António Ribeiro Ferreira (Tomás Ribeiro) e da poetisa inglesa Ana Carlota Syder. O nome Gonta provem do lugar de origem da família paterna, Parada de Gonta (Tondela).

Casou aos dezoito anos com o pintor e azulejista Jorge Colaço, falecido em 1942. Desse casamento nasceram o escritor e advogado Tomás Ribeiro Colaço e a escultora Ana de Gonta Colaço.

De educação esmerada, distinguiu-se como poetisa, prosadora, conferencista e dramaturga, tendo colaborado nos jornais *O Dia* e *Talassa* (periódico humorista fundado e dirigido pelo marido). Editou várias obras poéticas, a primeira, em 1907, *Matinas* e a última, em 1945, *Abençoada a Hora em que Nasci*. Escreveu para o teatro várias peças, em 1921, para o Nacional, *O Auto dos Faroleiros* e *Comédia da Vida* (1930) de colaboração com Aura Abranches. Por iniciativa de Branca de Gonta Colaço, a Academia das Ciências de Lisboa organizou, em 1918, uma homenagem a Maria Amália Vaz de Carvalho. Distinguida com o oficialato da Ordem de Santiago da Espada, faleceu em 22 de Março de 1945.

Rua Florbela Espanca (Edital de 19.07.1948) – Florbela d'Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa a 8 de Dezembro de 1894, filha de João Maria Espanca e de Antónia da Conceição Lobo. Excelente aluna, concluiu o curso dos liceus, em Évora, em 1917.

Matriculou-se na Faculdade de Direito de Lisboa, em 1919. Também deste ano data o seu primeiro livro de versos – *Livro de Mágoas*. Seguiu-se-lhe, em 1923, o *Livro de Soror Saudade*. A maior parte da sua obra foi publicada postumamente, sendo muito apreciada por diversas personalidades da cultura portuguesa da época, como António Ferro, Lopes de Mendonça ou Fernanda de Castro. Colaborou em diferentes jornais e revistas de Lisboa, Porto, Évora e Vila Viçosa. Em 1952, foram publicadas as *Cartas de Florbela Espanca*, com prefácio de José Emídio Navarro, director do jornal *D. Nuno* de Vila Viçosa.

Em 1949, no Jardim Público de Évora foi inaugurado um monumento em sua homenagem, e, em 1950, em Matosinhos, foi colocada uma lápide na casa onde tinha falecido em 1930, a 7 de Dezembro. Na sua vila natal, foi fundada em 1964 a Casa-Museu Florbela Espanca.

FREGUESIA DE CARNIDE

Rua Adelaide Cabete (Edital de 19.06.1976) – Adelaide Brazão Cabete nasceu em Elvas em 1967, dirigiu com a mãe e a irmã uma indústria de secagem de ameixas. Casou com Manuel Fernandes Cabete, sargento republicano, autodidacta, explicador de latim e de grego.

Começou a estudar depois de casada. Fez o exame da instrução primária aos vinte e três anos, na Escola Medico-Cirúrgica de Lisboa, com a tese “A protecção às mulheres grávidas pobres”. Foi professora de Higiene do Instituto Feminino de Odivelas.

Defensora das ideias republicanas, pertenceu à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas onde, desde 1909, desempenhou as funções, primeiro, de Secretária e, depois, de presidente da Assembleia Geral.

Fundou as Ligas da Bondade e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1914, ramo português da International Council of Women, assim como, a Associação de Propaganda Feminista, representando-os nos Congressos internacionais feministas realizados em Roma, Paris e Washington. Organizou o I Congresso Feminista e de Educação, em Lisboa, em 1925, e o segundo, em 1928, bem como os primeiros congressos abolicionistas da prostituição.

Tem colaborações escassas na revista *A Mulher e a Criança*, dirigida por Ana de Castro Osório. Foi iniciada na Maçonaria, em 1907. Faleceu em Elvas em 1935.

Rua Adelaide Félix (Edital de 31.01.1978) – Adelaide da Piedade Carvalho Félix nasceu em Santarém, em 1896, e licenciou-se em Filologia

Germânica pela Universidade de Lisboa, onde foi aluna do professor Teófilo Braga. Fez estágios na Alemanha e em Espanha. Foi professora dos liceus Rodrigues Lobo, de Leiria, Carolina Micaélis, do Porto, Maria Amália Vaz de Carvalho e Filipa de Lencastre, de Lisboa.

Publicou diversos livros, contos, novelas e romances. Entre 1937 e 1939, recebeu os prémios de Conto, nos Jogos Florais da Emissora Nacional. Foi crítica de artes plásticas e conferências na Emissora Nacional e Rádio Clube Português. Presidiu ao Cenáculo Literário e foi membro correspondente da Real Academia Galega e da Sociedade Geografia de Lisboa. Faleceu em Lisboa em 1971.

Rua Ana de Castro Osório (Edital de 19.06.1976) – Ana de Castro Osório nasceu em Mangualde em 1872, e casou aos vinte e três anos com o poeta, tribuno republicano e cônsul de Portugal em S. Paulo, Brasil, Paulino de Oliveira. Desse casamento, houve dois filhos – os escritores João de Castro Osório e José Osório de Oliveira. Faleceu em Lisboa em 1935.

Publicou as primeiras crónicas no periódico *Mala Posta*, em 1895. Três anos mais tarde, iniciou uma colecção de contos infantis, em 18 volumes, intitulada – *Para as crianças*. Das inúmeras obras didácticas, romances, novelas, contos, peças infantis, comédia, destaca-se o conjunto de folhetos “A Bem da Pátria” (referente a normas educativas e de higiene) ou “O Jardim de Jorge”, capítulo integrado na obra *A Minha Pátria*, em que o civismo e o patriotismo são realçados. Também como membro da direcção da revista *A Mulher e a Criança* teve colaborações regulares com textos doutrinários ou de contos infantis. Já no Brasil, tomou parte, junto com o marido, no Congresso de Instrução Pública, realizado em Belo Horizonte, em 1914.

Depois de enviduar, regressou a Portugal, a tempo de ter uma acção de propaganda patriótica e de auxílio aos soldados, durante a Grande Guerra de 1914-18, através da acção da Comissão Feminina pela Pátria, que tinha como objectivos e recolha de donativos e tricotar agasalhos de lã para os soldados. Essa acção mereceu a homenagem da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que, para o efeito, mandou esculpir o seu busto, em bronze, de autoria do escultor João da Silva, colocada na sede respectiva.

Em 1915, representou a Câmara Municipal de Cuba no Congresso Municipal de Évora, onde foi a única mulher admitida apresentando a tese “A Mulher na Agricultura, nas Indústrias Regionais e na Administração Municipal”. Ainda durante a Monarquia, presidiu à sessão preparatória da fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, de

que foi a sócia n.º 172, e onde foi presidente desde 1910 até partir para o Brasil. Em 1909, proferiu no Centro António José de Almeida, uma conferência de propaganda da Lei do Divórcio. Fundou também a Associação de Propaganda Feminista. No período da guerra, a Liga organizou uma série de conferências sobre a intervenção portuguesa, Ana de Castro Osório proferiu uma intitulada "A falta de educação cívica da mulher".

Subscreveu a *Obra Maternal*, onde foi eleita presidente da mesa da Assembleia Geral, em 1915. Foi iniciada na Maçonaria em 1907.

Rua Guiomar Torresão (Edital de 19.06.1976) – Guiomar Delfina de Noronha Torresão nasceu em Lisboa em 1844. Com sete anos, partiu com o pai, director de Alfândega, para Cabo Verde, onde permaneceu até à morte deste em 1853. Dificuldades familiares levaram-na a procurar sustento, dando lições particulares ou escrevendo e publicando romances, peças teatrais, poesias, livros de viagem, traduções, entre outros, desde 1866, ano em que fez publicar – *Uma Alma de Mulher* – com prefácio de Júlio César Machado. Algumas obras foram prefaciadas por Camilo Castelo Branco, outras tiveram o apreço do público, como o romance histórico *A Família Albergaria*. Desde 1871 até à morte em 1898, dirigiu o periódico que também fundou – *O Almanaque das Senhoras* –. Os seus escritos surgem amiúde assinados com pseudónimos: Delfim Noronha, Gabriel Cláudio, Scentella, Tom Ponce ou Sith, procurando talvez fugir à incompreensão da sociedade do seu tempo.

Rua Manuela Porto (Edital de 31.01.1978) – Manuela Cesarina Sena Porto nasceu em Lisboa em 24 de Abril de 1908, filha de César Porto, dramaturgo, romancista, cientista, de espírito inovador, conhecido na época, por se ter envolvido numa polémica a propósito da orientação do Teatro D. Maria II.

Manuela Porto estreou-se como actriz em 1924, com 16 anos, no Teatrinho Juvénia, fundado pelo pai e pelo actor Araújo Pereira, na peça *As Irmãs* de Gaston Dévove, que no ano seguinte, representar-se-á no Nacional, então Almeida Garrett, numa récita organizada pela Comissão Central de Organização e Propaganda da 1.^a Semana da Criança.

Frequentou o Conservatório onde se formou com a mais alta classificação: 20 valores. Pertenceu à Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, mas abandonou a profissão para se dedicar ao ensino das línguas e recitar poesias.

Após a guerra, já casada com o pintor Roberto de Araújo Pereira, criou um grupo de teatro amador – *Grupo Dramático Lisbonense* – que levou à cena obras de Gil Vicente, Tchekov, Camilo e Pirandelo.

Escreve para vários jornais (*Diário de Notícias*, o *Mundo Literário*) e revistas, como a *Eva*, onde fez crítica literária e de teatro. Faleceu em Lisboa a 7 de Julho de 1950.

Rua Maria Brown (Edital de 31.01.1978) – Maria da Felicidade do Couto Brown ou Browne nasceu no Porto em 1797, onde faleceu em 8 de Novembro de 1861. Casou com Manuel de Clamouse Browne, duma família de origem irlandesa, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo e da Conceição e grande negociante de vinhos no Porto, de quem teve quatro filhos. A sua casa nesta cidade foi um salão literário frequentado por importantes nomes, como Camilo Castelo Branco, com quem terá tido uma aventura. Publicou versos sob pseudónimos: A Coruja Trovadora ou Soror Dolores. A sua poesia é marcada pela delicadeza e espontaneidade.

Rua Maria Veleda (Edital de 19.06.1976) – Nasceu em Faro em 1871 e faleceu em Lisboa em 1955. Órfã, começou a trabalhar aos quinze anos, como professora particular. Dedicou-se depois ao ensino primário, tendo leccionado em Faro, Lisboa, Bucelas, Serpa, etc. Exerceu funções na Tutoria Central de Infância, iniciou a sua actividade de escritora, aos dezanove anos, no jornal *Distrito de Faro*.

Sócia fundadora da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, foi eleita sucessivamente para os corpos gerentes, entre 1909 e 1915, entre eles o de Presidente da Liga em 1911. Nesta instituição, fez parte de diversas Comissões e pronunciou vários discursos e conferências como “A mulher moderna e a sua missão sociológica”, em 1/5/1910, reunidos num livro *A Conquista*, com prefácio de António José de Almeida.

Foi directora da revista *A Mulher e a Criança* e da folha mensal *A Madrugada*, onde assinou diversos textos. Com um grupo de sócias da Liga, integrou o “Grupo das Treze” (1911), estrutura que procurava combater a ignorância e as superstições que afectavam as mulheres.

Participou também numa das mais importantes iniciativas *A Obra Maternal* (1909), que procurou combater a mendicidade infantil, um sonho antigo de Maria Veleda. Em 1915, foi nomeada 1.^a Secretária da Comissão Instaladora da Associação Feminina de Propaganda Democrática, abandonando a Liga e a direcção do jornal *A Madrugada*.

Foi iniciada na Maçonaria em 1907. Em 1950, publicou as suas memórias no jornal *República*.

Rua Públia Hortênsia de Castro (Edital de 31.01.1978) – Públia Hortênsia de Castro nasceu em Vila Viçosa, em 1548. Mais tarde, com o irmão Jerónimo, frade dominicano, rumou a Coimbra, onde na Universidade

reformada por D. João III, estudou Humanidades, Teologia e Filosofia, o que conseguiu disfarçando-se de homem. De regresso ao Alentejo natal, doutorou-se em Filosofia, na Universidade de Évora, com dezassete anos de idade.

Foi a primeira mulher a falar em público em Portugal. Agradado com as *Conclusões Teológicas* de Públia Hortênsia de Castro, Filipe II, em 1581, concedeu-lhe uma tença anual. Compôs poesias em latim e português e escreveu cartas e diálogos religiosos e filosóficos. Pertenceu à Corte da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, faleceu em Évora, em 1595, onde está sepultada no Convento do Menino Jesus.

Carnide é também uma freguesia de conventos, construídos nos séculos XVI e XVII. Destacam-se o de Nossa Senhora da Luz, com um hospital anexo, edificado nos primeiros anos do século XVII, e o de Santa Teresa de Jesus, de freiras Carmelitas Descalças, fundado em 1642 (existiu até 1891), entre outros. Daqui resultaram vários topónimos: Azinhagas das Carmelitas, das Freiras, da Luz, Bairro das Carmelitas, Largo e Travessa da Luz, Quintas das Carmelitas e da Luz.

FREGUESIA DE SANTA MARIA DE BELÉM

Largo Maria Isabel Aboim Inglês (Edital de 24.03.1975) – Maria Isabel nasceu em Lisboa em 1902. Apesar de ter nascido mulher, recusou sempre o silêncio imposto ao seu género, atrevendo-se a pensar, a falar e a escrever. Até 1931, dedicou-se exclusivamente à família; contudo, aquando do nascimento do seu quinto filho, uma certa insatisfação levou-a a matricular-se na Faculdade de Letras de Lisboa, em Ciências Histórico-Filosóficas.

Terminado o curso, foram-lhe dirigidos alguns convites para leccionar, os quais recusou por motivos familiares. Em 1938, fundou o Colégio Fernão Mendes de Magalhães e, quatro anos depois, já viúva, com cinco filhos menores para criar e sem meios de subsistência, foi convidada para assistente da cadeira de Psicologia Experimental e para reger temporariamente a cadeira de História Antiga e Moderna.

Membro da comissão central do Movimento da Unidade Democrática, Isabel lutou desde sempre contra o fascismo, tornando-se uma mulher marcada, um alvo a abater pelo governo de Salazar. Em 1949, como resultado das suas ideias políticas, foi encerrado o colégio particular por si fundado e do qual era directora e foi vetada a regência das cadeiras que até aí leccionara, vendo-se posteriormente afastada do seu lugar de assistente e mesmo impedida de sair do país com o objectivo de leccionar em universidades estrangeiras.

Isabel, porém, não desistiu: como forma de sobreviver, abriu um ateliê de costura e deu aulas particulares e, sempre coerente consigo mesma, continuou a sua cruzada contra a ditadura, participando nas campanhas eleitorais para a Presidência da República de nomes como o Dr. Rui Luiz Gomes, o General Humberto Delgado e o General Norton de Matos, o que lhe valeu ser vítima de prisões violentas e arbitrárias levadas a cabo pela PIDE.

Faleceu em Março de 1963, vítima de uma embolia cerebral.

Rua Mécia Mouzinho de Albuquerque (Edital de 11.02.1970) – Filha de Fernando Luís Mouzinho de Albuquerque, comandante do Batalhão Académico durante as guerras liberais, e de D. Mafalda Augusta Barbosa de Miranda, D. Mécia nasceu em Lisboa a 2 de Dezembro de 1870. Escritora, tal como seu avô Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, de obras em prosa e em verso, foi grande defensora da monarquia, mesmo após 1910, o que lhe valeu ver-se sujeita a perseguições e ataques.

Desde muito jovem que esta descendente de Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis, se dedicou a obras de assistência, nomeadamente através da fundação, em 1915, em conjunto com D. Constança Teles da Gama e a Condessa de Ficalho, de uma associação para ajudar monárquicos necessitados, tendo-os protegido mesmo quando presos políticos. Também aquela que é hoje conhecida como Liga Portuguesa Contra o Cancro foi por si fundada, na época com a designação de Iniciativa Particular de Luta Contra o Cancro.

Senhora de vastíssima cultura, publicou, entre outras obras, *A Tecedeira*, *A Sonâmbula*, *A Guitarra*, *Rainha e Mártir*, *A Monja*, algumas das quais foram traduzidas para o espanhol e o francês, nomeadamente *A Sonâmbula* que, após ter sido traduzida para o idioma de Balzac por Charles Dulmont, foi lida em Paris pela famosa actriz Odeon Fanny. O sucesso foi tal que a autora foi rapidamente nomeada delegada literária e membro correspondente em Portugal da *Société des Gens de Lettres de France*, sendo-lhe igualmente concedidos o diploma e a medalha de honra. Colaborou em jornais e revistas, tanto nacionais como estrangeiros, utilizando por vezes o pseudónimo Zoleica. Pela sua colaboração em *A Voz* foram-lhe concedidas as medalhas de Artes e Letras e de Mérito Civil. Visitou países como a Espanha, a França, a Itália e a Suíça em digressões de carácter intelectual e artístico.

D. Mécia Mouzinho de Albuquerque, que viria a falecer em Lisboa em 1961, foi igualmente tradutora de obras como *La Femme Adultère*, *Nous en Espagne* e *La Visage Obstiné*, e ainda uma grande desportista, dominando com mestria a arte de andar a cavalo.

Largo da Princesa (s/d) – Este topónimo deve a sua origem à existência de uma antiga quinta, pertencente ou fundada pela irmã da Rainha D. Maria I, a Infanta D. Maria Francisca Benedita, 4.^a filha de D. José I e D. Mariana Vitória.

A Infanta nasceu em Lisboa a 25 de Julho de 1746 e teve uma educação esmerada: falava várias línguas estrangeiras (inglês, francês, castelhano e italiano) e dedicava-se a actividades artísticas como o desenho, a poesia, a pintura, a música e o canto. Foram seus mestres David Perez, Domingos Sequeira, Joaquim Carneiro da Silva e Domingos da Rosa. Entre as suas obras destacam-se telas como *Salvador do Mundo* (Capela do Palácio de Queluz), *Coração de Jesus*, *Anjos Custódio* e *Rafael* (Basilica da Estrela) e a aguarela *Retrato de uma Religiosa*, oferecido à Real Academia de Marinha e Comércio do Porto, em 1807, para uma exposição que não chegou a realizar-se.

Já passava dos trinta anos quando casou, a 29 de Fevereiro de 1777, com seu sobrinho D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, filho de D. Maria I e D. Pedro III, o qual contava apenas dezasseis anos. Onze anos após o enlace, D. José faleceu vítima de bexigas. Inconsolável, D. Maria Francisca Benedita entregou-se à solidão, à vida contemplativa e a prestar auxílio ao próximo: tendo em conta o gosto do marido pelos assuntos militares, dedicou-se afincadamente a construir um asilo para os militares inválidos. Para tal, adquiriu uma quinta de frades em Alcobaça e imediatamente as obras, que duraram vinte e nove anos, começaram. Contudo, nem tudo correu sempre bem, pois as previsões iniciais dos gastos para a realização do empreendimento foram ultrapassadas e as invasões francesas e a consequente partida da família real para o Brasil colocaram em risco a sua conclusão.

O Asilo dos Inválidos Militares em Runa (Alcobaça), como ainda hoje é conhecido, foi inaugurado no dia em que a Infanta completou oitenta e um anos. Em testamento, a real benemérita deixou importantes legados para manter a sua obra.

D. Maria Francisca Benedita, também conhecida como a Princesa Viúva, faleceu em Lisboa em 1829.

No que diz respeito aos topónimos **Calçada da Ajuda** (Edital de 26.09.1916), **Travessa das Galinheiras** (s/d), **Travessa das Linheiras** (s/d), **Vila Maria Manuela** (Denominação não oficial), **Pátio Dona Adelaide** (Denominação não oficial), **Pátio da Nora** (Denominação não oficial) não encontramos qualquer informação que identifique as mulheres que lhes deram as respectivas designações.

FREGUESIA DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA

Casal de Santa Quitéria (Denominação não oficial) – Irmã de Santa Wilgeforte, Quitéria de Coimbra (celebrada a 22 de Maio) decidiu dedicar a sua virgindade a Cristo. Furioso, o pai, que a queria a todo o custo casar, não tolerou a firme recusa da filha e decapitou-a. Esta terá então apanhado do chão a própria cabeça, colocado a mesma no avental e, guiada por um anjo do Senhor, ter-se-á dirigido para a igreja, cuja porta se abriu por si. Dentro do templo, terá caminhado até à cripta – o seu último leito – onde descansou finalmente em paz. No local onde foi decapitada jorrou uma fonte.

Iconograficamente, Quitéria aparece representada com a cabeça entre as mãos. A seu lado, deitado a seus pés com a língua de fora, um cão raivoso – daí ser evocada como protecção contra a mordedura destes animais.

Rua Cecília Meireles (Edital de 28.12.1964) – Poetisa, professora, pedagoga e jornalista, Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro a 7 de Novembro de 1901, neta de portugueses (a avó materna, Jacinta Garcia Benevides, com quem passou a infância, pois ficou órfã de pais aos três anos, era açoriana) e esposa do iluminista português Correia Dias.

Desde cedo, a poetisa habituou-se ao exercício da solidão (além de perder os pais, perdeu também três irmãos que nem sequer chegou a conhecer), desenvolvendo precocemente a sua sensibilidade e consciência. Estudou canto e violino e, aos nove anos, começou a escrever poesia.

Em 1917, concluiu o curso na Escola Normal do Rio de Janeiro e tornou-se professora, empenhando-se na carreira universitária e na renovação do sistema educativo brasileiro.

A sua estreia literária deu-se em 1919 com a publicação de *Espectro*, uma colecção de sonetos simbolistas. Desde então, seguiram-se mais de quarenta anos de produção literária com obras em verso e prosa (*Nunca Mais e Poema dos Poemas* – 1923; *Baladas para El-Rei* – 1925; *Viagem* – 1939; *Vaga Música* – 1942; *Canções* – 1956; entre muitas outras), teatro, crónicas e colaboração em jornais (foi uma das fundadoras do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro e da revista *Festa*, em 1927). Foi também tradutora de obras de Ibsen, Maeterlink, Lorca, entre outros, criou a primeira Biblioteca Infantil no Brasil, no Rio de Janeiro, e interessou-se pelos problemas do ensino no seu país, tendo participado na reforma de 1930.

Em 1935, o suicídio do marido obrigou-a a aumentar as suas actividades como professora (exerceu a profissão docente na Universidade do Brasil entre 1935 e 1937, onde leccionou Literatura, e na Escola de Teatro

da Prefeitura do Distrito Federal) e jornalista para poder educar as filhas. A maturidade como poetisa e a individualidade da sua obra alcançou-as em 1939, com a publicação de *Viagem*, obra agraciada com o prémio de poesia da Academia Brasileira de Cultura.

Novamente casada, Cecília Meireles deu início a um período de intensa actividade profissional e literária, viajando para o exterior, sobretudo México, Índia e Portugal, onde viu reconhecido o seu mérito como escritora antes mesmo disso acontecer no Brasil: foi homenageada em 1927 nos Açores e, em 1951, quando regressou a Portugal foi de novo calorosa e merecidamente homenageada no Museu João de Deus. Quando, em 1953, se deslocou a Goa a convite do governo português, foi nomeada sócia honorária da cidade. As frequentes viagens realizadas, viagens estas de grande importância pelo que a autora extraiu do contacto com gentes, costumes e idiomas que lhe permitiu uma melhor compreensão da vida e da humanidade, tiveram reflexo em obras como *Doze Nocturnos de Holanda* (1952) e *Poemas Escritos na Índia* (1962). Era doutora pela Universidade de Nova Deli e Grande Oficial da Ordem de Mérito do Chile.

Cecília Meireles faleceu a 9 de Novembro de 1964, em plena actividade literária, deixando muitos inéditos. Um ano depois, postumamente, recebeu o Prémio Machado de Assis pelo conjunto da sua obra.

Rua Vera Lagoa (Edital de 09.12.1999) – Maria Armanda Pires Falcão Esteves Pinto, posteriormente conhecida pelo pseudónimo Vera Lagoa, nasceu na Ilha de Moçambique a 25 de Dezembro de 1917. Filha de um major do exército português demitido em 1931 aquando da Revolta da Madeira e dos Açores e de mãe doméstica e descendente de republicanos oriundos da Madeira, Maria Armanda acompanhou o pai no exílio para a Madeira (onde concluiu a instrução primária), em seguida para a Terceira e São Miguel (onde fez o primeiro ano do liceu) e, por fim, Cabo Verde, de onde regressou já com quinze anos. Em casa, tal como as meninas da época, aprendeu violino e francês.

Aos dezasseis anos, empregou-se no Arsenal da Marinha, onde se manteve até aos vinte, quando casou e partiu para Moçambique, onde nasceu o seu filho. Em 1942 regressou a Portugal, empregando-se como secretária na Comissão Reguladora do Comércio do Carvão. O seu ordenado era, na época, o sustento de toda a família.

Entretanto, divorciou-se. Segundo provérbio muito ouvido na época, “Mulher divorciada ou deu forte cabeçada ou então não presta para nada”. Apesar de mal vista pela sociedade em geral (os amigos, contudo, aceitavam a situação), manteve-se em Lisboa e criou o filho sozinha.

Aos quarenta anos voltou a casar, desta vez com José Tengarrinha. Conheceu e conviveu de perto com muitos autores portugueses, nomeadamente Alves Redol, Fernando Namora, José Cardoso Pires e Castro Soromenho, o seu maior amigo, e com pessoas na clandestinidade.

Em 1957, Maria Armanda foi a primeira locutora apresentadora da RTP. Um ano depois, secretariou o General Humberto Delgado aquando da sua candidatura à Presidência da República. A profissão de secretária, que exerceu durante vários anos, levou-a ao contacto com o jornalismo. Tendo tomado o gosto pela escrita, contactou Francisco Pinto Balsemão, administrador do *Diário Popular*. Ficou decidido que Maria Armanda, sob o pseudónimo de Vera Lagoa (Vera por se aproximar de Verdade e Lagoa por sugestão de Sttau Monteiro, durante um encontro em que beberam vinho *Lagoa*), escreveria uma coluna periódica intitulada “Bisbilhotices de Vera Lagoa”. Vera Lagoa obteve a carteira profissional de jornalista em Março de 1965. A sua passagem pelo *Diário Popular* seria fortemente marcada pela polémica e pela grande necessidade de lutar pela verdade.

Em termos políticos, era na época simpatizante do PCP. Ela, porém, almejava sobretudo a liberdade, para si e para os outros. Já depois do 25 de Abril, o conselho de redacção do referido jornal retirou-lhe o pseudónimo por o considerar fascista. Vera não cruzou os braços: apresentou queixa ao Sindicato dos Jornalistas, no qual já tinha ingressado graças a um combate excepcional, que lhe deu razão e lhe “devolveu” o pseudónimo.

Ao contrário do que esperava, em 1976 a censura ainda não tinha acabado em Portugal. Cansada de ser escolhida para trabalhos menores, abandonou o *Diário Popular* e o *Tempo* (no qual era colaboradora) e aceitou dirigir *O Diabo*. Pela primeira vez em Portugal uma mulher tinha a difícil missão de dirigir um jornal “do contra” cujo objectivo era denunciar injustiças e criminosos sem levar em conta o estatuto social, o poder económico ou político de quem quer que fosse.

O primeiro número criticava ferozmente o arquivo da queixa apresentada por um grupo de mulheres contra a Polícia Militar que, durante uma manifestação pró-governo, foram espancadas. O segundo número, em que criticava Costa Gomes, o Presidente da República, já não saiu: foi fechado pelo Conselho de Revolução. Vera Lagoa não desanimou e quinze dias depois surgiu *O Sol*. Ao segundo número deste periódico, uma bomba explodiu durante o horário laboral; ao oitavo, fechou as portas. Foi então convidada para co-dirigir *O País*. Julgada e absolvida pelo caso Costa Gomes, em 1977 renasceu *O Diabo*, com a polémica jornalista na sua direcção.

Vera Lagoa foi uma mulher combativa e frontal. Teve mais de duzentos processos contra si, relacionados com nomes como Mário Soa-

res, Almeida Santos, Costa Gomes, Melo Antunes, Ramalho Eanes, entre muitos outros que foram alvo da sua pena mordaz, de cujas condenações foi amnistiada em 1979 por liberdade de imprensa. Denunciou o caso Camarate, contrariando a tese oficial, que apresentava a tragédia como um acidente, afirmando ter-se tratado de um atentado. E escreveu livros: *Bisbilhotices* (1968), *Crónicas do Tempo* (1976), ambos antologias das crónicas publicadas respectivamente no *Diário Popular* e n' *O Tempo, Revolucionários que eu Conheci* (1977), *A Cambada* (1978) e *Eanes Nunca Mais* (1980). Faleceu a 19 de Agosto de 1996.

Rua Alcina Bastos (Edital 35/99) – Alcina de Sousa Bastos nasceu em Fiães, concelho de Vila da Feira, a 7 de Abril de 1915. Filha de Filomena de Sousa Vilarinho Bastos e Adelino Soares de Bastos, inspector escolar envolvido nos preparativos da revolta do Porto em 1937, o que lhe valeu ser condenado a quatro anos de prisão, Alcina conviveu desde a infância com a oposição ao regime ditatorial.

Terminada a instrução primária em Fiães, seguiu-se o ensino secundário no Colégio dos Carvalhos e, em 1940, a licenciatura em Direito na Faculdade da Universidade de Coimbra. Três anos depois, começou a exercer advocacia, primeiro no Porto e, já na década de 50, em Lisboa.

Alcina e o irmão, o advogado Joaquim Bastos, conviveram de perto com destacados elementos da esquerda política portuguesa (entre eles Jaime Cortesão e António Sérgio) e, em 1945, aquela que foi uma das primeiras mulheres em Portugal a alcançar a licenciatura em Direito aderiu ao MUD.

Activa lutadora em prol da liberdade e da democracia, foi associada e depois dirigente dos Centros Republicanos António José de Almeida e Almirante Reis, pertenceu à Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e à Associação Feminina Portuguesa para a Paz e empenhou-se activamente, como em tudo o que fazia, na candidatura à Presidência da República do General Norton de Matos (1949) e na do General Humberto Delgado (1958) de quem foi colaboradora directa. A PIDE, contudo, vigiava a sua actividade política.

Em 1955, já casada com Armando Pereira de Castro Agatão Lança (também ele combatente activo do regime opressor), deu à luz a filha Maria Angelina, que seguirá em termos profissionais as pisadas da mãe.

Após o assassinato do General Sem Medo, Alcina promoveu e participou em todo o género de manifestações com o objectivo de honrar e perpetuar a memória daquele que encarnou o desejo de rebeldia de um país contra a opressão, encarnada no candidato do regime, Américo

Tomás. As ameaças por telefone não se fizeram esperar; contudo, ela não desistiu. Nunca desistia de lutar por aquilo em que acreditava.

Os seus objectivos foram finalmente alcançados com a queda do Estado Novo a 25 de Abril de 1974: levar a julgamento os assassinos de Humberto Delgado, trasladar os seus restos mortais inicialmente para Portugal e depois para o Panteão Nacional, com as devidas honrarias e estar presente nas audiências de julgamentos dos agentes da PIDE.

Entre 1975 e 1979 esteve filiada no MDP/CDE. Já independente, apoiou a candidatura do Marechal Costa Gomes à Presidência da República. Foi fundadora e dirigente da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, membro da Seara Nova, participou em associações como a Associação das Mulheres Juristas, o Movimento Democrático das Mulheres, associações de amizade entre Portugal e outros países – URSS, Cuba, RDA, Coreia, Angola – entre muitos outros.

Alcina Bastos faleceu a 17 de Agosto de 1993, enquanto recolhia elementos para o livro que pretendia publicar sobre o assassinato de Humberto Delgado. Tal como era sua vontade, partiu de toga para o Cemitério dos Prazeres, acompanhada dos votos de pesar daqueles que, alguns meses depois, promoveriam uma homenagem junto à sua campa. Um ano depois, foi postumamente distinguida com a Ordem da Liberdade.

Avenida Madame Curie (Edital de 12.03.1932) – Marie Sklodowska Curie, famosa física de origem polaca, nasceu a 7 de Novembro de 1867 em Varsóvia. Filha de um professor do ensino secundário de Física e Matemática, Marie (última dos cinco filhos do casal) cedo demonstrou grandes capacidades ao nível da concentração e da memória, às quais juntou uma enorme vontade de aprender.

Na escola, foi sempre a primeira em todas as disciplinas, apesar de não granjear a simpatia daqueles com quem convivia diariamente. O seu rosto sério, sem o mínimo vestígio de sorriso, não a tornou propriamente popular ao longo da sua vida. Contudo, foi talvez a forma encontrada para enfrentar as dificuldades do país em que nasceu (a partir da segunda metade do século XVIII, a Polónia tornou-se progressivamente mais fraca, acabando por ser dividida entre a Prússia, a Rússia e a Áustria. O último rei polaco, Estanislau Augusto Poniatowski, abdicou em 1795. Desde então, até 1918, o país desapareceu virtualmente do mapa. Contudo, durante os longos anos de ocupação, o povo polaco não cruzou os braços, manifestando-se ocasionalmente em levantamentos e rebeliões, tal como aconteceu em 1830 e 1836 contra os russos. As represálias que se seguiram deram origem à Grande Emigração (1831), quando notáveis

figuras nacionais partiram para França, como foi o caso de Marie, ou para os Estados Unidos, assim como a tragédia que se abateu sobre a família: a perda de emprego do pai como professor oficial e a respectiva habitação, a morte da irmã mais velha aos catorze anos com tifo, seguida da mãe pouco tempo depois devido à tuberculose.

Após ter estado temporariamente afastada da família (Marie foi enviada para o campo, para casa de um tio) por lhe ter sido diagnosticada uma depressão, aos dezasseis anos a jovem decidiu rentabilizar os seus conhecimentos, enviando para um jornal o seguinte anúncio: "Lições de Aritmética, Geometria e Francês, por menina diplomada. Preços moderados". Um ano depois, empregou-se como preceptora e governanta em casa de uma família abastada com o objectivo de pagar os estudos da irmã Bronya, que tinha então vinte anos. A experiência não foi fácil, mas Marie tudo suportou estoicamente para ajudar os irmãos.

Em 1891, Bronya, já formada em Medicina, convidou Marie para se instalar em sua casa, em Paris, para, finalmente, realizar o seu tão ansioso sonho: continuar os seus estudos científicos, matriculando-se na Sorbonne, onde obteve, em 1893, a licenciatura em Ciências Físicas e um ano depois a licenciatura em Ciências Matemáticas. Ainda nesse ano conheceu aquele que viria a tornar-se seu marido em 1895: Pierre Curie.

Tendo conseguido a agregação em 1896, Marie seguiu a sugestão do investigador científico Henri Becquerel: estudar as radiações dos sais de urânio, estudo esse que levou a cabo em parceria com o marido e que culminou na descoberta da radioactividade e de um elemento, até então desconhecido, com propriedades radioactivas – o polónio (nome atribuído como forma de homenagear o seu país natal).

Entretanto, a família foi crescendo: em 1897 nasceu Irène, após uma gravidez difícil em que, apesar de tudo, Marie não deixou de trabalhar. Um ano depois, consequência das investigações do casal Curie em colaboração com G. Bémont, foi anunciada a descoberta do rádio.

O resultado de anos de trabalho e de exposição a substâncias activas levou a que, em 1903, o Comité Nobel lhes atribuísse, assim como a Henri Becquerel, o Prémio Nobel da Física. Contudo, durante a cerimónia em Estocolmo, apenas Pierre discursou. Marie, co-titular do Nobel, encontrava-se na sala, entre o público que assistia à cerimónia. Também a Grã-Bretanha reconheceu o mérito dos Curie ao atribuir-lhes a Medalha Davy, uma das mais elevadas recompensas científicas deste país, concedida pela Sociedade Real de Londres.

A 25 de Junho desse ano, a notável física laureada apresentou a sua tese de doutoramento na Sorbonne, a primeira defendida por uma mulher. Loura, pálida, vestida de negro e grávida de uma menina que

nasceria prematura e não vingaria, não se compreendia na época por que razão, Marie veria a sua tese – *Investigações sobre elementos radioactivos* – aprovada com distinção.

Um ano depois, foi criada na Sorbonne uma cadeira de Física Geral. Apesar do seu reconhecido mérito, foi a Pierre que foi entregue a direcção da cadeira, tendo sido confiada a Marie a direcção do laboratório anexo. Motivo: o facto de ter nascido mulher.

Novamente grávida, a jovem física abandonou o trabalho e dedicou-se totalmente a si própria e ao ser que trazia dentro de si. Assim nasceu Ève Denise.

Em 1906, nova tragédia se abateu sobre os Curie: Pierre faleceu, vítima de um acidente de viação. Tinha quarenta e sete anos e Marie trinta e oito. Como consequência, ela acabou por ser aceite como titular da cadeira de Física Geral, tornando-se a primeira mulher a ensinar na Sorbonne.

Após a morte do marido, que a deixou completamente devastada, Marie continuou a sua missão: criar as filhas, dando-lhes uma educação orientada para a ciência e para os valores da liberdade, e provar que o rádio existia, pois entretanto correram rumores na comunidade científica de que se tratava de uma fraude. A prova surgiria em 1910 com a publicação de um volume de mil páginas: *Tratado de Radioactividade*. Em Paris, estava então em construção o Instituto do Rádio, o qual incluía o Pavilhão Curie, dirigido por Marie.

Um ano depois, foi preterida numa eleição para sócia da Academia das Ciências de Paris. Porém, ainda nesse ano o seu mérito foi mais uma vez reconhecido: foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Química por ter isolado o rádio puro e os seus componentes.

Entretanto, teve início a I Guerra Mundial. Durante este período, organizou estações móveis de Raios-X e ela própria tratou dos doentes. Terminada a guerra, Marie sentia-se vitoriosa: o seu país era finalmente independente, após mais de um século de ocupação. Todavia, os problemas financeiros não lhe permitiam continuar as suas pesquisas. Através de uma jornalista norte-americana, Meloney Mattingley, obteve das mãos do próprio presidente dos Estados Unidos, em recepção na Casa Branca, um grama de rádio, exactamente o que necessitava para continuar a desenvolver o seu trabalho. E continuou a receber condecorações, a estar presente em recepções e homenagens, como sempre desejou.

A prolongada exposição à radiação teria as suas consequências: Marie começou a ficar cega e desenvolveu leucemia, vindo a falecer em 1934 em consequência da sua notável descoberta.

Marie Curie foi o único sábio a obter dois Prémios Nobel: o de Física e o de Química. Além disso, um ano após a sua morte, a filha Irène e o

marido, o cientista Frédéric Joliot, receberam o Prémio Nobel da Química pela descoberta da radioactividade artificial.

Quinta da Infanta (Denominação não oficial) – D. Isabel Maria, filha de D. João VI e D. Carlota Joaquina, nasceu em Queluz em 1801.

Desde muito cedo a jovem Infanta sofreu as consequências do período conturbado que compreendeu o reinado de seu pai e não só: por um lado as incursões francesas, verdadeiramente devastadoras, levaram à fuga da Corte para o Brasil (Rio de Janeiro) e a acções de pilhagem por parte do exército inglês, que se apropriou do comando do exército português; por outro, as lutas liberais que ensanguentaram o solo pátrio, opondo dois irmãos e duas ideologias: D. Pedro e D. Miguel, liberalismo e absolutismo.

Após a expulsão dos franceses, a Corte regressou à metrópole com o objectivo de tomar as rédeas do país. Inseguro quanto ao futuro do mesmo (os dois filhos varões lutavam para impor as suas ideologias contrárias), D. João VI, pouco tempo antes de falecer, determinou, em decreto de 6 de Março de 1826, que Isabel Maria presidisse a uma Junta de Regência, como forma de assegurar a governação pública. Quatro dias depois, falecia.

Tal como determinado por seu pai, D. Isabel Maria assumiu a regência do reino. Os seus esforços, porém, foram inglórios: foi-lhe impossível pôr cobro às lutas civis encabeçadas pelos irmãos. Em 1828, D. Miguel tomou conta do reino; a Infanta abandonou a política e recolheu-se ao Palácio de Benfica (hoje conhecido como Palácio e Quinta de Devisme ou da Infanta), onde se manteve até que o irmão, desconfiado do seu apoio à política liberal de D. Pedro, lhe fixou residência, sob custódia, em Elvas, de onde só regressou, já fragilizada e doente, quando D. Miguel partiu para o exílio em 1834. Novamente em Benfica, dedicou-se a beneficiar largamente o palácio, acrescentando-lhe mais uma ala.

D. Isabel Maria faleceu em 1876, após várias peregrinações a Roma. A maior parte dos seus bens foi doada aos missionários irlandeses. Está sepultada em Lisboa, no Panteão de S. Vicente de Fora.

Não encontramos informação relativa aos seguintes topónimos: **Azinhaga e Largo das Fonecas** (s/d), **Quinta da Marcolina** (Denominação não oficial), **Pátio da Pastora** (Denominação não oficial), **Quinta da Condessa de Caria** (Denominação não oficial) e **Largo Maria de Lurdes Pais Gomes** (Edital de 19.10.1998).

Para consultar bibliografia ver: www.fcsh.unl.pt/facesdeeva